

REVISTA

LAMPEJO 

# JUROS E CULPA: A PAIXÃO NO CORPO DA COISA

Joaquim Qualquer dos Prazeres<sup>1</sup>

Tudo aquilo que é humano se torna estranho! E tal estranhamento não tem outra causa senão a culpa por sua constituição pseudo-histórica segundo o seu caráter fetichista. Por sua vez, a causa é o princípio originário desta constituição pseudo-histórica dos indivíduos na luta litigiosa que projeta a presença de uma Coisa na existência. Portanto, a culpa é imputação pela qual o homem se torna sujeito a um poder estranho, que se inscreve no limiar do processo de constituição pseudo-histórica do homem, pondo em causa a Coisa mesma como fundamento do conjunto das relações sociais; ela é testemunho do penhor universal do conteúdo das potencialidades humanas sob o domínio da Coisa como dívida. A fundação dessa constituição fetichista humana é um dom sacrificial de alienação pelo qual a totalidade dos atos, dos gestos e dos fatos dos indivíduos são postos sob o comando do Ser estranhado venal. Por isso, sob a condição dessa pseudo-história, a existência social humana se insere na esfera de imputação da culpa, que não é jurídica mas onto-histórica, visto que diz respeito à experiência originária da linguagem e do Ser no interior do tempo.

---

<sup>1</sup> Pseudônimo de José Valdo Barros Silva Júnior (1981-2020). Valdo Barros foi bacharel e mestre em Filosofia pela Universidade Federal do Ceará (UFC), lecionou na Universidade Estadual do Ceará (UECE) e na Universidade Estadual Vale do Acaraú (UVA). Foi membro do grupo Crítica Radical e membro fundador da revista-boletim O Anti-Quiprocó. Uma perda para todos aqueles que ainda acreditam que um outro mundo é possível, para além do domínio fetichista da mercadoria e das formas estatais de gestão da vida. Contribuiu na Revista Lampejo com o artigo "Escatologia e drama barroco em Walter Benjamin e Ariano Suassuna". Escreveu sua monografia sobre a faculdade da imaginação em Fichte e sua dissertação de mestrado apresenta uma crítica ao trabalho abstrato-concreto como fundamento substancial e inseparável do sistema produtor de mercadorias. "Juros e culpa" é seu último fragmento. Cabe-nos dialogar com sua contribuição e seguir adiante. Ao professor, amigo e crítico radical, Valdo Barros, *in memoriam*, presente ontem, hoje e sempre.

O juro é produto da Coisa mesma irracional do fetiche do capital na sua versão 5G monetária; ele representa a quinta-essência do Ser-valor automatizado, com o atual solapamento da força de trabalho, como potência alienada produtora de mercadorias, pela revolução industrial da microeletrônica. Mas tudo isso é uma contradição em termos, pela qual o próprio poder do fetiche do capital será trazido à causa inexoravelmente. O teste de fogo do capital monetário expresso no juro é se a Coisa mesma é capaz de ser uma *causa sui* ou não. Com a vigência hegemônica do capital monetário, o juro vem à luz por uma relação social entre dois capitalistas, que altera o modo convencional da relação de exploração entre capitalista e trabalhador. Contudo, a contradição da relação de alienação se desloca para além da oposição entre capital e trabalho no interior do processo de exploração de mais-valia, porque a grande serpente marinha do capital assume uma nova roupagem, visto que operou uma mudança de pele para a forma social do capital monetário. A forma do capital portador de juros é a forma mais estranhada e fetichista da relação social do capital, porque confere à Coisa mesma a competência automática de reproduzir dinheiro em si e por si mesmo. O capital que rende juros é um negócio muito coisado:

“O capital aparece como coisa misteriosa, autocriadora do juro, de seu próprio incremento. A COISA (dinheiro, mercadoria, valor) já é capital como mera coisa, e o capital aparece como mera coisa... Na forma do capital portador de juros, portanto, esse fetiche automático está elaborado em sua pureza, valor que valoriza a si mesmo, dinheiro que gera dinheiro, e ele não traz nenhuma marca de seu nascimento. A relação social está consumada como relação de uma coisa, do dinheiro consigo mesmo.” (MARX. O Capital, Livro III).

A automação crescente do capital monetário tende a gerar uma oposição entre juro e lucro, em um jogo de forças cuja consciência infeliz se ossifica na própria realidade social pseudo-histórica. No atual estágio do fetiche do capital, a famigerada dialética entre senhor (burguesia) e servo (proletariado) manifesta a sua verdadeira natureza: o reconhecimento da Coisa mesma do Ser-valor automatizado sob a pura forma fetichista do espírito quase absoluto do capital monetário. É mediante a luta de vida ou morte entre senhor e servo que a Coisa mesma conquista sua independência na existência social moderna. O capital monetário portador de juros não é uma relação social entre pessoas mediada por coisas, mas a afirmação consumada do poder estranhado da Coisa sobre as pessoas, passando a exercer uma dominação impessoal sobre tanto o senhor quanto o servo. O capital, agora como pura Coisa mesma automática, é “como se tivesse amor no corpo” (GOETHE. Fausto). Com isso, torna-se patente a falácia ideológica protestante de que o trabalho forma e liberta. O trabalho é tão somente uma potência alienada de dispêndio de energia

corpórea e mental para trazer à vida uma Coisa morta por um pacto diabólico com o capital. A obstinada [*Eigensinn*] da Coisa para se manter na existência social pseudo-histórica é uma paixão inútil, já que quanto mais Ela afirma o seu sentimento de poder absoluto fictício, pela febre especulativa de seu espírito de porco, mais Ela é conduzida ao padecimento e à morte de seu “corpo místico”. A exteriorização plena do Ser-valor, como poder estranhado objetivo, sob a forma do capital monetário, significa a efetivação do teor coisal de seu ser-para-a-morte, enquanto catástrofe colossal da pseudo-história mundial.

Quando o Deus Moloque do fetiche do capital se torna, de fato e de direito, um poder universal objetivo que comanda a realidade do mundo e do homem, o conceito absoluto do Ser revela a sua verdadeira natureza perversa coisada. O ser coisado da Coisa não é mais resultado do processo de produção real de mercadorias pelo trabalho abstrato-concreto, cujo dispêndio corpóreo e mental aduzia o Ser-valor do nada da existência à presença sócio-histórica moderna insana, enquanto posição da Coisa de frente de nós outros como um objeto animado. A fisionomia e o perfil de seu ser não se deixam mais representar num objeto particular sensível, porque não residem mais na matéria social de seu valor de uso, mas no oco do caráter fetichista da Coisa estranhada em sua pura vigência sem significado como fumo etéreo. Nesta hodierna vigência sem significado, a realidade do mundo é reduzida ao nada. A paixão no corpo místico da Coisa estranhada é tão só desejo niilista de oferecimento sacrificial ao aniquilamento, como um modo de pagamento da dívida assumida com o pacto com a Ditacuja, como se Ela fosse o mais elevado e inebriante. A Coisa estranhada é um cadáver ambulante que foi incorporado ao destino histórico do homem por sua própria práxis alienada culpada, que recolhe e reúne tudo aquilo que é do céu e da terra, tudo aquilo que é imortal e mortal a fim de lhes imprimir o traço essencial da separação. O Ser-valor é uma coisa tão coisada que reúne e congrega as diferenças numa unidade identitária, sem a experiência originária do comum. A experiência originária do comum jamais poderá consistir na consagração do vigor e viço do mundo e da linguagem no altar da Coisa mesma conjurada e encarnada.

A supressão do modo de produção capitalista na absolutização do capital monetário sobre o capital produtivo e o trabalho é também o princípio do tempo do fim da forma social historicamente determinada do Ser-valor. O predomínio vertiginoso do sistema do capitalismo cassino promove uma gigantesca concentração de capitais nas mãos de uma aristocracia rentista que agudizará cada vez mais, em escala jamais vista, o mecanismo de expropriação da riqueza social abstrata. A forma absoluta do capitalismo cassino é expressão evidente da contradição radical entre o abstrato e o concreto imanente à Coisa mesma estranhada. A atualização total do caráter

destrutivo dessa Coisa como juro é o triunfo da forma sobre o conteúdo, que anuncia o alarme de incêndio de um tempo do Ser que caducou.

O capitalismo não é uma religião, porque a religião é uma tentativa de fundação da totalidade do mundo e da linguagem sob o comando do absoluto pelo sentimento da fé no porvir que será redentor. O capitalismo é a constituição da totalidade do mundo e da linguagem sob comando da Coisa estranhada pelo sentimento da angústia, que conduz ao desejo perverso de aniquilamento por causa de uma culpa ontológica.